Um Quarto Só Seu

Virginia Woolf

Ilustrações de Uma Joana



Índice

Um Quarto Só Seu 9

Um 11

Dois 37

Três 57

Quatro 75

Cinco 101

Seis 119

Notas finais 141

UM QUARTO SÓ SEU[1]



UM

Mas, poderão dizer-me, pedimos-lhe que falasse sobre mulheres e ficção — o que tem isso a ver com um quarto só seu? Vou tentar explicar. Quando me pediram para falar sobre mulheres e ficção, sentei-me na margem de um rio e comecei a pensar no que essas palavras significavam. Podiam significar simplesmente umas poucas observações sobre Fanny Burney; outras tantas sobre Jane Austen; um tributo às Brontë e um esboço do presbitério de Haworth coberto de neve; alguns ditos de espírito, se possível, sobre Miss Mitford; uma alusão respeitosa a George Eliot; uma referência a Mrs. Gaskell e a tarefa estaria concluída. À segunda vista, porém, essas palavras não pareciam assim tão simples. O título «Mulheres e Ficção» poderia referir-se, e talvez fosse essa a vossa intenção, às mulheres e à sua natureza; ou poderia referir-se às mulheres e à ficção que elas escrevem; ou poderia referir-se às mulheres e à ficção que se escreve acerca delas; ou poderia querer dizer que, de algum modo, os três tópicos estão inextricavelmente ligados e que esperavam que eu os considerasse a essa luz. Todavia, quando comecei a considerar o assunto sob a última perspetiva, que parecia a mais interessante, depressa

vi que ela tinha uma desvantagem fatal. Nunca seria capaz de cumprir aquele que é, no meu entendimento, o primeiro dever de uma conferencista — dar-vos, após uma peroração de uma hora, uma pepita de verdade pura que pudessem embrulhar entre as páginas dos vossos cadernos e depositar para sempre sobre a lareira. Só vos poderia oferecer uma opinião sobre um ponto menor — uma mulher tem de ter dinheiro e um quarto só seu para escrever ficção; e este ponto, como verão, deixa por resolver o grande problema da verdadeira natureza da mulher e da verdadeira natureza da ficção. Enjeitei o dever de chegar a uma conclusão sobre estas duas questões — no que me diz respeito, as mulheres e a ficção continuam a ser problemas por resolver. No entanto, à laia de compensação, farei o que posso para vos mostrar como cheguei a esta opinião sobre o quarto e o dinheiro. Desenvolverei na vossa presença, o mais completa e livremente possível, a linha de raciocínio que me conduziu a este pensamento. Se desvelar as ideias, os preconceitos, que subjazem a esta afirmação, descobrirão talvez que eles têm alguma pertinência no que toca às mulheres e alguma no que toca à ficção. Seja como for, quando um assunto é muito controverso — e qualquer questão acerca do sexo é controversa —, não podemos ter a esperança de dizer a verdade. Podemos apenas mostrar como chegámos à nossa opinião, qualquer que ela seja. Podemos apenas dar a quem nos ouve a oportunidade de tirar as suas próprias conclusões enquanto observa as limitações, os preconceitos, as idiossincrasias da palestrante. Aqui, é provável que a ficção contenha mais verdade do que os factos. Proponho, por conseguinte, fazer uso de todas as liberdades e licenças ao dispor de uma romancista, para vos contar a história dos dois dias que precederam a minha vinda aqui — para vos contar o modo como, ajoujada sob o peso do assunto que me foi posto

aos ombros, o ponderei e o fiz entrar e sair do meu quotidiano. Será escusado dizer que o que estou prestes a descrever não tem existência; Oxbridge[2] é uma invenção; assim também Fernham[3]; «eu» não é mais do que um termo conveniente para designar alguém que não é real. Dos meus lábios brotarão mentiras, mas, entre elas, misturar-se-á porventura alguma verdade; cabe a vós procurar esta verdade e decidir se vale a pena guardar alguma parte dela. Se não for esse o caso, podem deitar tudo para o cesto dos papéis e esquecer o assunto.

Aqui estava eu então (tratem-me por Mary Beton, Mary Seton, Mary Carmichael[4] ou por qualquer outro nome que vos agrade — é uma questão irrelevante), sentada na margem de um rio, uma ou duas semanas atrás, perdida em pensamentos num bonito dia de outubro. O jugo de que falei — as mulheres e a ficção, a necessidade de chegar a alguma conclusão sobre um assunto que suscita toda a espécie de preconceitos e paixões — vergava-me a cabeça até ao chão. À esquerda e à direita, uma qualquer espécie de arbustos, dourados e carmesins, reluziam com a cor, dir-se-ia até que ardiam com o calor, do fogo. E, na outra margem, os salgueiros choravam em lamentos perpétuos, com o cabelo pelos ombros. O rio refletia o que quer que lhe apetecesse do céu e da ponte e da árvore ardente, e, depois de o caloiro ter atravessado os reflexos no seu barco a remos, estes de novo se fecharam, completamente, como se ele nunca houvesse existido. Poderia ter aí ficado horas a fio, perdida em pensamentos. Os pensamentos — para lhes dar um nome mais orgulhoso do que mereciam — haviam lançado a linha ao rio. Esta volteava, minuto após minuto, para um lado e para o outro, por entre os reflexos e os limos, subindo e descendo ao sabor das águas até que… conhecem aquele pequeno sacão… a conglomeração súbita de uma ideia na ponta da nossa linha que

depois recolhemos cautelosamente e pousamos com cuidado? Mas, ai, posto sobre a erva, como era pequeno, como era insignificante este meu pensamento; o tipo de peixe que um bom pescador devolve à água para que possa engordar e, um dia, valha a pena assá-lo e comê-lo. Não vos vou maçar com esse pensamento agora, conquanto o possam encontrar, se olharem cuidadosamente, no decurso do que vou dizer.

Porém, por pequeno que fosse, tinha, não obstante, a misteriosa propriedade da sua espécie — uma vez devolvido à mente, tornou-se de uma só vez muito excitante e importante; e enquanto rabeava e baixava, e lampejava aqui e ali, suscitou um tal marulhar, um tal tumulto de ideias, que se tornou impossível continuar quieta e sentada. Foi assim que dei por mim a caminhar com extrema rapidez por um relvado. Nesse mesmo instante, a figura de um homem ergueu-se para me intercetar. De início nem sequer me apercebi de que as gesticulações daquele objeto de aparência curiosa, trajando um fraque e uma camisa de cerimónia, se dirigiam a mim. O seu rosto expressava horror e indignação. Mais do que a razão, foi o instinto que veio em minha ajuda; ele era um bedel; eu era uma mulher. Aqui era o relvado; ali era o caminho. Só os *fellows*[5] e os académicos tinham autorização para estar aqui; o meu lugar era no caminho de saibro. Estes pensamentos foram a obra de um momento. Quando voltei ao caminho, os braços do bedel baixaram, o seu rosto assumiu o repouso habitual, e, embora seja melhor caminhar no relvado do que no saibro, não veio grande mal ao mundo. A única acusação que eu podia lançar aos catedráticos e aos académicos, qualquer que fosse a sua faculdade, era de que a proteção do seu relvado, aparado ao longo de trezentos anos consecutivos, tinha posto o meu pequeno peixe em fuga.

Qual fosse a ideia que tão audaciosamente me levara a trespassar, era coisa de que já não me lembrava. O espírito da paz baixou do céu como uma nuvem, pois, se o espírito da paz mora em algum lado, é nos pátios e nos quadrângulos de Oxbridge numa bonita manhã de outubro. Passeando por entre aquelas faculdades, ao longo daqueles átrios antigos, a rudez do presente parecia atenuar-se; o corpo parecia contido numa miraculosa redoma de vidro que nenhum som conseguia penetrar, e a mente, libertada do contacto com os factos (a menos que eu voltasse a trespassar e pisasse outra vez o relvado), sentia-se à vontade para pousar sobre qualquer meditação que estivesse em harmonia com o momento. Por um capricho do acaso, uma qualquer recordação transviada de um qualquer antigo ensaio sobre revisitar Oxbridge nas férias grandes trouxe-me Charles Lamb à ideia — Saint Charles, dizia Thackeray, levando uma carta de Lamb à testa. Com efeito, de entre todos os mortos (apresento-vos os meus pensamentos tal como me foram chegando), Lamb é um dos mais congeniais; alguém a quem gostaria de ter perguntado: Diga-me, como foi que escreveu os seus ensaios? Pois os seus ensaios são superiores até mesmo aos de Max Beerbohm, pensei, a despeito da perfeição destes, por causa daquele lampejo selvagem da imaginação, daquele relâmpago de génio dentro deles que os deixa com falhas e imperfeições mas com estrelas de poesia. Ora, Lamb chegou a Oxbridge há talvez cem anos. É certo que escreveu um ensaio — escapa-se-me o título — sobre o manuscrito de um dos poemas de Milton que aí encontrou. Tratava-se talvez de «Lycidas», e Lamb escreveu que o chocava a ideia de que alguma palavra em «Lycidas» pudesse ter sido diferente das escolhidas. Pensar em Milton mudando as palavras daquele poema parecia-lhe uma espécie de sacrilégio. Isto levou-me a recordar o que pude de «Lycidas» e a divertir-me tentando

adivinhar que palavra Milton poderia ter alterado, e porquê. Ocorreu-me então que o próprio manuscrito que Lamb consultara se encontrava a meras centenas de metros de distância, de tal modo que era possível seguir na peugada de Lamb ao longo do quadrângulo até àquela famosa biblioteca que guardava o tesouro. Além disso, lembrei-me eu enquanto levava a cabo este plano, é nesta famosa biblioteca que está também guardado o manuscrito de *Esmond*, de Thackeray. Os críticos dizem amiúde que *Esmond* é o romance mais perfeito de Thackeray. Mas a afetação do estilo, com a sua imitação do século XVIII, é um empecilho, tanto quanto me lembro; a menos que o estilo do século XVIII fosse natural para Thackeray — um facto que poderia comprovar olhando para o manuscrito e vendo se as alterações haviam sido introduzidas em benefício do estilo ou do sentido. Mas então ter-se-ia de decidir o que é o estilo e o que é o sentido, uma questão que — mas neste ponto estava já diante da porta que conduz à biblioteca. Devo tê-la aberto, pois nesse mesmo momento, qual anjo da guarda a barrar-me o caminho, de traje preto roçagante em vez de asas brancas, saiu um cavalheiro reprovador, de cabelo grisalho e modos gentis, que, em voz baixa, enxotando-me com a mão, disse em tom de lamento que as senhoras só eram admitidas na biblioteca se acompanhadas por um catedrático ou se viessem munidas de uma carta de apresentação.

Que uma biblioteca famosa seja invetivada por uma mulher suscita a mais perfeita indiferença à famosa biblioteca. Venerável e calma, com todos os seus tesouros guardados a cadeado no seu seio, dorme complacente, e, no que me diz respeito, assim dormirá para sempre. Nunca acordarei aqueles ecos, nunca voltarei a solicitar aquela hospitalidade, jurei eu descendo as escadas, furiosa. Faltava ainda uma hora para o almoço, e que havia de fazer? Passear pelos prados? Sentar-me junto ao rio? Era

sem dúvida uma linda manhã de outono; as folhas esvoaçavam vermelhas até pousarem no chão; fazer uma coisa ou outra não apresentava grande dificuldade. Chegou-me aos ouvidos o som de música. Decorria uma qualquer missa ou celebração. O órgão plangia magnificamente quando passei pela porta da capela. Até mesmo o sofrimento do cristianismo soava naquele ar sereno mais como lembrança do sofrimento do que como sofrimento em si; até mesmo os gemidos do velho órgão pareciam sobrepor-se em paz. Não fazia tenções de entrar, ainda que tivesse esse direito, e desta vez poderia ter sido detida pelo sacristão, que talvez exigisse o meu certificado de batismo ou uma carta de apresentação do deão. Mas a fachada destes magníficos edifícios é muitas vezes tão bela quanto o seu interior. Além disso, era bastante divertido observar a congregação a reunir-se, a entrar e a sair outra vez, azafamada à porta da capela como abelhas à boca de uma colmeia. Muitos apresentavam-se de barrete e batina; alguns tinham abafos de peles sobre os ombros; outros eram empurrados em cadeiras de rodas; outros, apesar de ainda não terem passado a meia-idade, apresentavam, de tão enrugados e esmagados, formas de tal modo singulares que faziam lembrar aqueles caranguejos e lagostas gigantes que avançam a custo pela areia de um aquário. Quando me encostei à parede, a universidade parecia deveras um santuário que preserva tipos raros, que depressa se tornariam obsoletos se tivessem de lutar pela sua vida no passeio da Strand. Vieram-me à mente velhas histórias de velhos deões e de velhos professores mas, antes de ganhar coragem para assobiar — dizia-se que, ao ouvir um assobio, o velho Professor *** avançava logo a galope —, a venerável congregação já tinha entrado. Permanecia a fachada da capela. Como sabem, as suas altas cúpulas e pináculos podem ser vistos, como um veleiro sempre a viajar sem nunca chegar, acesos

à noite e a milhas de distância, para lá das colinas. Em tempos, presumivelmente, este quadrângulo com os seus relvados regulares, os seus edifícios maciços e a própria capela eram também um paul, onde os fios de erva balançavam e os porcos foçavam. Juntas de cavalos e bois, pensei eu, deverão ter vindo de países distantes puxando a pedra em carroças, e depois, com infinito labor, os blocos cinzentos cuja sombra me cobria foram equilibrados uns em cima dos outros por ordem, e depois os pintores trouxeram os vidros para os vitrais e os pedreiros ocuparam-se daquele telhado, séculos a fio, com betume e cimento, pá e esparavel. Todos os sábados alguém terá despejado uma bolsa de couro cheia de ouro e prata para os seus punhos vetustos, pois ao final do dia os pedreiros teriam presumivelmente as suas cervejas e o seu jogo da malha. Um fluxo interminável de ouro e prata, pensei eu, deverá ter sido perpetuamente investido neste pátio, para que as pedras estivessem sempre a chegar e os pedreiros sempre a trabalhar; para nivelar, para abrir valas, para cavar e para drenar. Mas vivia-se então a era da fé, e doou-se dinheiro liberalmente para assentar estas pedras numa fundação profunda, e quando as pedras se ergueram do chão, jorrou ainda mais dinheiro dos cofres de reis e rainhas e da grande nobreza, para garantir que aqui se cantariam hinos e os professores leccionariam. Cederam-se terras; pagaram-se dízimos. E, quando a era da fé chegou ao fim e começou a era da razão, o fluxo do ouro e prata perdurou; criaram-se bolsas de estudo; dotaram-se leitorados; só que o ouro e a prata jorravam agora não dos cofres do rei, mas das arcas de mercadores e fabricantes, das bolsas de homens que haviam feito a sua fortuna por exemplo na indústria e que, nos seus testamentos, devolviam uma parte generosa dessa riqueza para dotar mais cátedras, mais leitorados, mais bolsas de estudo na universidade onde haviam aprendido o seu ofício.

O que explica as bibliotecas e os laboratórios; os observatórios; o esplêndido equipamento de instrumentos caros e delicados que agora podem ser vistos em prateleiras de vidro, onde séculos atrás a erva balouçava e os porcos foçavam. A fundação de ouro e prata, enquanto deambulava pelo pátio, parecia certamente bastante profunda; o pavimento cobria solidamente as ervas selvagens. Homens de tabuleiro à cabeça passavam atarefados de uma escadaria para outra. Rebentos de cores vivas despontavam nas floreiras. A toada do gramofone tonitruava nos quartos. É impossível não refletir — a reflexão, qualquer que ela fosse, foi cortada cerce. O relógio deu as horas. Era tempo de me encaminhar para o almoço.

Os romancistas, facto curioso, têm o hábito de nos levar a acreditar que os almoços são invariavelmente memoráveis, graças a qualquer coisa muito espirituosa que se disse ou a qualquer coisa muito sábia que se fez. Mas raramente reservam algumas palavras para o que se comeu. Faz parte da convenção do romancista não mencionar a sopa nem o salmão nem os patos, como se a sopa e o salmão e os patos não tivessem qualquer importância, como se nunca ninguém fumasse um charuto ou bebesse um copo de vinho. Aqui, porém, tomarei a liberdade de desafiar essa convenção e de vos dizer que o almoço, nesta ocasião, começou com solhas, mergulhadas num prato fundo, sobre o qual o cozinheiro da faculdade espalhara uma camada de molho branquíssimo, só que marcado aqui e ali com manchas castanhas, como as manchas nos flancos de uma corça. Depois vieram as perdizes, mas, se esta palavra vos sugerir um par de aves carecas e castanhas numa salva, enganam-se. As perdizes, muitas e variadas, chegaram com todo o seu séquito de molhos e saladas, o picante e o doce, cada um por ordem; as batatas, finas como moedas mas não duras como moedas; as couves-de-bruxelas, folhosas

como rebentos de rosas mas mais suculentas. E, mal o assado e o seu séquito haviam sido consumidos, o criado, talvez o próprio bedel numa manifestação mais branda, pôs à nossa frente, numa coroa de guardanapos, uma sobremesa que se erguia, toda ela açúcar, das ondas. Chamar-lhe pudim e assim relacioná-la com o arroz ou a tapioca seria um insulto. Entretanto, os copos de vinho haviam reluzido em tons de amarelo e de carmesim; haviam sido esvaziados; haviam sido enchidos de novo. E assim, paulatinamente, acendeu-se, a meio da espinha, que é onde fica a alma, não aquela pequena luz crua elétrica a que chamamos brilhantismo, que lampeja e se esvanece nos nossos lábios, mas o brilho mais profundo, subtil e subterrâneo que é a chama rica e amarela do convívio racional. Não precisamos de nos apressar. Não precisamos de brilhar. Não precisamos de ser outro que não nós mesmos. Todos nós vamos para o céu e Vandyck acompanha-nos[6] — por outras palavras, tão boa parecia a vida, tão doces as suas recompensas, tão trivial este ressentimento ou aquele agravo, tão admiráveis a amizade e o convívio com os nossos pares, enquanto nos afundávamos nas almofadas da conversadeira e acendíamos um bom cigarro.

Se, por um golpe de sorte, tivesse tido um cinzeiro à mão, se não tivesse deitado a cinza fora pela janela, se as coisas tivessem sido um pouco diferentes do que foram, não teria visto, presumivelmente, um gato sem cauda. A visão daquele animal abrupto e truncado a atravessar suavemente o quadrângulo mudou a minha inteligência emocional por um qualquer acaso feliz da inteligência subconsciente. Foi como se alguém baixasse uma cortina. Talvez o excelente vinho renano começasse a perder a sua força. Certo é que, enquanto observava o gato manês que se deteve no relvado como se também ele questionasse o universo, qualquer coisa parecia faltar, qualquer coisa parecia diferente. Mas o que estaria em

falta, o que seria diferente, perguntei-me enquanto escutava a conversa. E, para responder a essa pergunta, tive de pensar em mim fora daquele aposento, de volta ao passado, mais concretamente aos tempos anteriores à guerra, e de pôr diante dos meus olhos o modelo de um outro almoço que decorrera em divisões não muito distantes destas; mas diferentes. Tudo era diferente. Entretanto a conversa prosseguia entre os comensais, que eram muitos e jovens, uns deste sexo, outros do outro; tudo corria às mil maravilhas, tudo corria agradavelmente, livremente, jocosamente. E, enquanto assim prosseguia, contrastei-a com aquela outra conversa, e ao sobrepô-las não tive dúvida de que uma era a descendente, a legítima herdeira da outra. Nada tinha mudado; nada era diferente, salvo apenas — aqui ouvi atentamente, não o que estava a ser dito, mas sim um murmúrio ou corrente por detrás. Sim, era isso — a mudança estava aí. Antes da guerra, num almoço como este, as pessoas teriam dito precisamente as mesmas coisas, mas as palavras teriam soado diferentemente, porque nesses tempos eram acompanhadas por uma espécie de zumbido, não articulado, mas musical, excitante, que mudava o valor das próprias palavras. Seria possível transcrever esse zumbido? Talvez com a ajuda dos poetas. Ao meu lado estava um livro e, abrindo-o, dei com Tennyson por casualidade. E aqui descobri que Tennyson cantava:

There has fallen a splendid tear
From the passion-flower at the gate.
She is coming, my dove, my dear;
She is coming, my life, my fate;
The red rose cries, «She is near, she is near»;
And the white rose weeps, «She is late»;
The larkspur listens, «I hear, I hear»;
And the lily whispers, «I wait.»[7]

Uma esplêndida lágrima caiu
Da flor-da-paixão no portão.
Eis que ela chega, minha rola, minha amada;
Eis que ela chega, vida minha, meu destino;
A rosa vermelha grita: «Está perto ela, perto»;
E a rosa branca chora: «Mas tarda»;
A esporeira escuta: «Oiço-a, oiço-a»;
E o lírio sussurra: «Espero-a.»

Era isto que os homens sussurravam nos almoços antes da guerra? E as mulheres?

My heart is like a singing bird
Whose nest is in a water'd shoot;
My heart is like an apple tree
Whose boughs are bent with thick-set fruit;
My heart is like a rainbow shell
That paddles in a halcyon sea;
My heart is gladder than all these
Because my love has come to me.[8]

O meu coração é como uma ave canora
Que fez ninho num rebento orvalhado;
O meu coração é como uma macieira
Cujos ramos se vergam cheios de frutos;
O meu coração é como uma concha irisada
Que voga num mar tranquilo;
O meu coração rejubila mais do que todos
Pois o meu amor veio até mim.

Era isto que as mulheres sussurravam nos almoços antes da guerra?

Pensar que as pessoas sussurravam coisas destas, mesmo que em surdina, nos almoços antes da guerra era tão ridículo que desatei a rir, e tive de explicar o meu riso apontando para o gato manês, que parecia um tanto absurdo, de facto, pobre animal, sem cauda, no meio do relvado. Teria nascido mesmo assim ou perdido a cauda num acidente? O gato sem cauda, ainda que se diga que existem alguns na Ilha de Man, é mais raro do que se pensa. É um animal bizarro, mais peculiar do que bonito. Que estranho, a diferença que uma cauda faz — já sabem o género de coisas que se dizem quando um almoço chega ao fim e as pessoas começam a procurar os casacos e chapéus.

Este almoço, graças à hospitalidade do anfitrião, prolongara-se tarde adentro. O bonito dia de outubro desvanecia-se e as folhas caíam das árvores na avenida que eu percorria. Atrás de mim parecia que se fechava, com amável finalidade, portão após portão. Inúmeros bedéis enfiavam inúmeras chaves em fechaduras bem oleadas; zelava-se pela segurança da casa do tesouro por mais uma noite. Depois da avenida, chega-se a uma estrada — não me lembro do nome — que nos leva, se virarmos à direita, até Fernham. Mas tinha muito tempo. O jantar era só às sete e meia. Quase podia dispensar o jantar depois de um almoço destes. Estranho como um fiapo de poesia nos fica a trabalhar na mente e nos põe as pernas a mexer-se ao seu compasso estrada afora. Aquelas palavras —

Uma esplêndida lágrima caiu
    Da flor-da-paixão no portão.
Eis que ela chega, minha rola, minha amada;

cantavam no meu sangue enquanto eu caminhava rapidamente na direção de Headingley. E depois, saltando para outra estrofe, cantei, onde as águas remoinham na represa:

O meu coração é como uma ave canora
Que fez ninho num rebento orvalhado;
O meu coração é como uma macieira…

Que poetas, exclamei a bom som, como se exclama no lusco-fusco, que poetas eram estes!

Com uma espécie de inveja, suponho eu, pela nossa própria época, por tontas e absurdas que sejam estas comparações, perguntei-me de seguida se se conseguiria honestamente nomear agora dois poetas vivos tão grandiosos quanto Tennyson e Christina Rossetti o foram na sua. Compará-los, pensei eu, olhando para aquelas águas espumosas, é obviamente impossível. Se aquela poesia nos excita e conduz a tamanho abandono, a tamanho êxtase, é porque celebra um qualquer sentimento que tivemos no passado (em almoços antes da guerra talvez), de tal modo que reagimos facilmente, familiarmente, sem nos darmos ao trabalho de verificar esse sentimento ou de o comparar com qualquer outro que tenhamos agora. Já os poetas vivos expressam um sentimento que está a ser feito e arrancado de nós neste mesmo momento. De início não o reconhecemos; muitas vezes, por qualquer razão, receamo-lo; observamo-lo avidamente e comparamo-lo, com inveja e suspeita, ao velho sentimento que conhecíamos. Donde a dificuldade da poesia moderna; e é por causa desta dificuldade que não conseguimos recordar mais de dois versos consecutivos de nenhum bom poeta moderno. Por esta razão — por me falhar a memória —, o argumento esmoreceu por falta de material. Mas porque parámos nós, prossegui

eu, avançando rumo a Headingley, de sussurrar em surdina nos almoços festivos? Porque foi que Alfred deixou de cantar

Eis que ela chega, minha rola, minha amada?

Porque foi que Christina deixou de responder

O meu coração rejubila mais do que todos
Pois o meu amor veio até mim?

Deveremos culpar a guerra? Quando as armas dispararam em agosto de 1914, terão os rostos dos homens e das mulheres mostrado tão claramente aos olhos uns dos outros que o romance fora morto? Foi certamente um choque (sobretudo para as mulheres, com as suas ilusões acerca da educação e assim por diante) ver as caras dos nossos governantes à luz do fogo de artilharia. Tão feios que pareciam — os alemães, os ingleses, os franceses —, tão estúpidos. Mas onde quer ou a quem quer que atribuamos a culpa, a ilusão que inspirou Tennyson e Christina Rossetti a cantar tão apaixonadamente sobre a chegada dos seus amados é bem mais rara agora do que era então. Basta-nos ler, olhar, ouvir, lembrar. Mas porquê falar em «culpa»? Se era uma ilusão, porque não louvar a catástrofe, qualquer que ela fosse, que destruiu a ilusão e pôs a verdade no seu lugar? Pois a verdade… estas reticências assinalam o lugar onde, à procura da verdade, falhei a curva para Fernham. Sim, com efeito, o que era verdadeiro e o que era ilusão?, perguntei-me. Qual era a verdade acerca destas casas, por exemplo, agora sombrias e festivas com as suas janelas vermelhas no lusco-fusco, mas rudes e vermelhas e esquálidas, com os seus doces e com os seus atacadores de sapatos às nove horas da manhã? E os salgueiros e o rio

e os jardins que descem até ao rio, vagos agora com a neblina a baixar sobre eles, mas dourados e vermelhos à luz do dia — o que era neles verdade, o que era ilusão? Poupo-vos aos volteios das minhas cogitações, pois na estrada para Headingley não encontrei nenhuma conclusão, e peço-vos que imaginem que depressa descobri o meu erro acerca da curva e que voltei atrás até chegar a Fernham.

Como já disse que era um dia de outubro, não me atrevo a perder o vosso respeito nem a pôr em perigo o bom nome da ficção mudando de estação e descrevendo lilases pendendo dos muros dos jardins, crocos, tulipas e outras flores da primavera. A ficção deve ater-se aos factos e, quanto mais verdadeiros os factos, melhor a ficção — assim nos dizem. Por conseguinte, era ainda outono e as folhas eram ainda amarelas e, quando muito, caíam um pouco mais depressa do que antes, porque agora chegava a noite (eram sete e vinte e três, para ser precisa) e levantara-se uma brisa (vinda de sudoeste, para ser exata). Não obstante, fazia-se sentir qualquer coisa estranha:

> O meu coração é como uma ave canora
> Que fez ninho num rebento orvalhado;
> O meu coração é como uma macieira
> Cujos ramos se vergam cheios de frutos;

As palavras de Christina Rossetti talvez fossem em parte responsáveis por uma loucura da fantasia — não era senão uma fantasia, claro — que me mostrava o lilás a sacudir as suas flores sobre os muros dos jardins e as borboletas-enxofre a esvoaçar para um lado e outro e os grãos de pólen a pairar. Soprava um vento, vindo não sei donde, que levantava as folhas meio crescidas, criando um lampejo cinza e prateado no ar. Era a hora

de entre luzes, quando as cores sofrem uma intensificação e os púrpuras e os dourados ardem nas vidraças das janelas como o batimento de um coração impressionável; quando, por qualquer razão, a beleza revelada do mundo, que no entanto depressa perecerá (aqui abri caminho para o jardim, pois alguém deixara imprudentemente a porta aberta e não se via nenhum bedel), a beleza do mundo que tão depressa perecerá, tem duas lâminas, uma de riso, uma de angústia, que cortam o coração em dois. Os jardins de Fernham estavam à minha frente no lusco-fusco da primavera, selvagens e abertos, e por entre a erva crescida, polvilhados e lançados à toa, viam-se narcisos e jacintos, já pouco ordeiros com bom tempo, e agora batidos pelo vento e ondeantes com as raízes arrepeladas. As janelas do edifício curvavam-se como escotilhas de um navio entre ondas generosas de tijolo vermelho, mudavam de limão para prata debaixo do voo veloz das nuvens da primavera. Alguém estava deitado numa rede; alguém, mas a esta luz eram apenas fantasmas, meio pressentidos, meio vistos, corria pela relva — ninguém a pararia? —; e depois, no terraço, como se tivesse aí dado um salto apenas para apanhar ar, para relancear o jardim, chegou uma figura recurva, formidável mas humilde, com a sua grande fronte e o seu vestido puído — seria possível que fosse a famosa académica, seria possível que fosse a própria J*** H***? Tudo estava sombrio, mas também intenso, como se a echarpe que o lusco-fusco lançara sobre o jardim tivesse sido rasgada em dois por estrela ou espada — o clarão de uma qualquer terrível realidade que saltasse, como é seu uso, do coração da primavera. Pois a juventude…

Aqui estava a minha sopa. Servia-se o jantar no grande salão de refeições. Longe de ser primavera, era de facto uma noite de outubro. Toda a gente estava reunida no grande salão. O jantar estava pronto. Aqui estava a sopa. Era um simples

caldo de carne. Não havia nele nada que espicaçasse a fantasia. Teríamos conseguido ver através do líquido transparente qualquer padrão que o prato pudesse ter. Mas não havia padrão. O prato era branco. Depois chegou a carne de vaca com os legumes e batatas correspondentes — uma trindade caseira que sugeria os quartos traseiros do gado num mercado lamacento, e couves-de-bruxelas encaracoladas e de bordos amarelecidos, e regateios e baixas de preços, e mulheres com sacas de rede numa segunda-feira de manhã. Não havia razão para nos queixarmos do pão de cada dia da natureza humana, dado que a provisão era suficiente e os mineiros de carvão decerto se sentavam à mesa para comer menos. Seguiram-se ameixas e leite-creme. E se alguém se queixar de que as ameixas, mesmo quando mitigadas pelo leite-creme, são um vegetal pouco caridoso (fruta não são), fibrosas como o coração de um avarento e ressumando um fluido como o que poderia correr nas veias de certos avarentos que ao longo de oitenta anos se houvessem privado de vinho e calor e que no entanto nada tivessem dado aos pobres, essa pessoa deverá refletir no caso daqueles cuja caridade abarca até mesmo a ameixa. Os biscoitos e o queijo vieram a seguir, e aqui o jarro de água passou liberalmente de mão em mão, pois é da natureza dos biscoitos serem secos, e estes biscoitos eram quintessencialmente biscoitos. Foi tudo. A refeição terminara. Toda a gente arrastou as cadeiras para trás; as portas oscilantes oscilaram violentamente para trás e para a frente; depressa se retiraram todos os traços de comida e se preparou o salão sem dúvida para o pequeno-almoço da manhã seguinte. Corredores abaixo e escadas acima, a juventude de Inglaterra saiu a estrondear e a cantar. E teria uma convidada, uma estranha (pois eu tinha tão pouco direito a estar aqui em Fernham como a estar em Trinity ou em Somerville ou em Girton ou em Newnham ou

em Christchurch), licença para dizer «o jantar não estava bom» ou para dizer (estávamos agora, Mary Seton e eu, na sala de visitas dela) «Não poderíamos antes ter jantado aqui sozinhas?», sabendo que, se eu tivesse dito alguma coisa do género, estaria a intrometer-me e a bisbilhotar as economias secretas de uma casa que, diante de uma estranha, apresenta uma fachada tão fina de alegria e coragem? Não, não podia dizer nada do género. Com efeito, a conversa esmoreceu por um momento. Sendo a constituição humana o que é, coração, corpo e cérebro todos misturados em vez de contidos em compartimentos separados como sem dúvida acontecerá dentro de um milhão de anos, um bom jantar tem uma importância fulcral para uma boa conversa. Não se pode pensar bem, amar bem, dormir bem, se não se jantou bem. A luz na espinha não se acende com carne de vaca e ameixas. Todos nós *provavelmente* iremos para o céu, e Vandyck, *esperamos* nós, cruzar-se-á connosco na próxima esquina — eis o estado de espírito dúbio e qualificativo que a carne de vaca e as ameixas geram entre eles no final de uma jornada de trabalho. Felizmente a minha amiga, que ensinava ciências, tinha um aparador onde estavam guardados uma garrafa bojuda e copinhos — (mas deveríamos ter tido solha e perdizes para começar) —, de modo que pudemos juntar-nos diante da lareira e reparar alguns dos danos das vivências do dia. Passado um minuto ou dois, já deslizávamos livremente para trás e para a frente por entre todos aqueles objetos de curiosidade e de interesse que se formam na mente na ausência de uma dada pessoa e que deverão naturalmente ser discutidos aquando de um reencontro — como uma pessoa se casou, e outra não; como uma pensa isto, outra aquilo; como uma melhorou imenso, e a outra muito surpreendentemente degenerou —, com todas aquelas especulações sobre a natureza humana e o carácter do

espantoso mundo onde vivemos que naturalmente brotam destes princípios. Enquanto assim falávamos, contudo, dei-me conta envergonhadamente de uma corrente que se instalava de moto próprio e levava tudo à frente até um fim por ela decidido. Podíamos estar a falar de Espanha ou de Portugal, de um livro ou de uma corrida de cavalos, mas o real interesse do que quer que dizíamos não era nenhuma dessas coisas, era antes uma cena de pedreiros num telhado alto cerca de cinco séculos atrás. Reis e nobres trouxeram os seus tesouros em sacas enormes que despejaram debaixo da terra. Esta cena estava permanentemente a ganhar vida na minha mente e a colocar-se ao lado de uma outra de vacas magras e de um mercado lamacento com verduras fanadas e os corações fibrosos de velhos — estas duas imagens, por desconexas e desligadas e absurdas que fossem, encontravam-se uma e outra vez e digladiavam-se e tinham-me inteiramente à sua mercê. A melhor coisa a fazer, para que a conversa toda não ficasse distorcida, era expor ao ar o que me ia na mente, altura em que, com boa sorte, se desvaneceria e esboroaria como a cabeça do rei morto quando abriram o caixão em Windsor.[9] Em breves palavras, assim, contei a Miss Seton acerca dos pedreiros que haviam passado longos anos no telhado da capela, e acerca dos reis e rainhas e nobres que carregaram sacas de ouro e prata aos ombros e depois as enterraram; e como mais tarde chegaram os grandes magnatas financeiros do nosso tempo e entregaram cheques e títulos de dívida, suponho eu, ao passo que os outros haviam entregado lingotes e pepitas em bruto de ouro. Tudo isso jaz agora debaixo das faculdades, disse eu; mas esta faculdade, onde agora nos encontramos, que estará debaixo dos seus galantes tijolos vermelhos e da erva selvagem e desgrenhada do jardim? Que força se esconderá por detrás daquele serviço branco em que o jantar foi servido,

e por detrás (aqui as palavras saltaram-me da boca antes que as conseguisse deter) da carne de vaca, do leite-creme e das ameixas?

Pois bem, disse Mary Seton, cerca do ano 1860 — oh, mas tu conheces a história, disse ela, aborrecida, suponho eu, com a récita. E contou-me… arrendaram-se quartos. Reuniram-se comités. Endereçaram-se envelopes. Redigiram-se circulares. Decorreram reuniões; leram-se cartas em voz alta; fulano de tal prometeu tanto; Mr. ***, pelo contrário, não dará um *penny* sequer. O *Saturday Review* foi muito rude. Como poderemos angariar fundos para pagar os escritórios? Fazemos um bazar? Não se arranja uma rapariga bonita que se sente na fila da frente? Vejamos que disse John Stuart Mill sobre o assunto. Alguém consegue persuadir o editor de *** a publicar? Será que conseguimos que Lady *** a assine? Lady *** não está na cidade. Era assim que se fazia, presumivelmente, há sessenta anos, e foi um esforço prodigioso e despendeu-se nele muito tempo. E foi só depois de uma longa luta e com extrema dificuldade que entre todas conseguiram angariar trinta mil libras.[10] Por isso, obviamente, não podemos ter vinho nem perdizes nem criados a carregar pratos de latão à cabeça, disse ela. Não podemos ter sofás nem quartos individuais. «As comodidades», disse ela, citando um livro qualquer, «terão de esperar.»[11]

Ao pensarmos em todas aquelas mulheres a trabalhar ano após ano e a amealhar duas mil libras a muito custo, e ao pensarmos no tanto que fizeram para juntar trinta mil libras, desatámos a escarnecer da repreensível pobreza do nosso sexo. Que tinham andado as nossas mães a fazer para não terem fortuna que nos deixassem? A pôr pó de arroz no nariz? A mirar as montras? A pavonear-se ao sol em Monte Carlo? Sobre a lareira estavam algumas fotografias. A mãe de Mary — se era ela na fotografia — poderá ter sido uma perdulária no seu tempo livre

(teve treze filhos com um pastor da Igreja), mas, a sê-lo, a sua vida alegre e dissipada deixou-lhe no rosto pouquíssimos traços dos seus prazeres. Era uma figura caseira; uma velha senhora embrulhada num xaile escocês apertado por um grande camafeu; estava sentada numa cadeira de verga e encorajava um *spaniel* a olhar para a câmara, com a expressão divertida mas tensa de alguém que tem a certeza de que o cão se mexerá assim que o botão for pressionado. Ora, se ela tivesse trabalhado; se se tivesse tornado uma fabricante de seda artificial ou uma magnata na Bolsa; se tivesse deixado duzentas ou trezentas mil libras a Fernham, poderíamos estar sentadas à vontade esta noite e o tema da nossa conversa poderia ter sido a arqueologia, a botânica, a antropologia, a física, a natureza do átomo, a matemática, a astronomia, a relatividade, a geografia. Se ao menos Mrs. Seton e a mãe dela e a mãe dela antes disso houvessem aprendido a grande arte de fazer dinheiro e deixado esse dinheiro, à semelhança dos seus pais e dos seus avôs antes delas, para fundar cátedras e leitorados e prémios e bolsas de estudo apropriados ao uso do seu próprio sexo, poderíamos ter jantado muito toleravelmente aqui em cima, só nós as duas, uma perdiz e uma garrafa de vinho; poderíamos almejar, sem indevida confiança, uma vida agradável e honrada ao abrigo de uma das profissões liberalmente dotadas. Poderíamos estar em explorações ou a escrever; a deambular pelos lugares veneráveis da Terra; sentadas contemplativas nos degraus do Pártenon ou indo às dez para o escritório e voltando a casa confortavelmente às quatro e meia para escrever uns quantos versos. Só que, se Mrs. Seton e outras como ela tivessem começado a trabalhar aos quinze anos de idade, Mary — era este o engulho do argumento — não existiria. O que pensava Mary acerca disso, perguntei. Ali estava a noite de outubro, por entre as cortinas, calma e amável,

com uma ou duas estrelas enredadas nas árvores que amarelecem. Estaria ela pronta a abdicar do seu quinhão da vida e das suas recordações (pois a sua família, ainda que grande, fora feliz) de jogos e brigas na Escócia, cujos bons ares e excelentes bolos ela nunca se cansava de louvar, para que Fernham pudesse ser dotada com cinquenta mil libras ou perto disso por um movimento da caneta? Pois a dotação de uma faculdade obrigaria à supressão pura e simples das famílias. Fazer fortuna e dar à luz treze filhos — nenhum ser humano aguentaria. Considerem-se os factos, dissemos. Primeiro, temos os nove meses antes de o bebé nascer. Depois, nasce o bebé. Depois, passam-se três ou quatro meses a alimentar o bebé. Alimentado o bebé, passam-se certamente cinco anos a brincar com o bebé. Não se pode, ao que parece, deixar as crianças correr livremente pelas ruas. Quem as viu a correr selvagemmente na Rússia diz que não é bonito de se ver. Diz-se também que a natureza humana é moldada entre o primeiro e o quinto anos de vida. Se Mrs. Seton, disse eu, tivesse estado a fazer dinheiro, que espécie de recordações terias tu dos jogos e das brigas? O que conhecerias tu da Escócia e dos seus bons ares e excelentes bolos e de tudo o mais? Mas é escusado fazer estas perguntas, porque nunca sequer terias existido. Além disso, é igualmente escusado perguntar o que poderia ter acontecido se Mrs. Seton e a mãe dela e a mãe dela antes disso tivesse acumulado uma grande riqueza e a tivesse deposto sob as fundações da universidade e da biblioteca, porque, em primeiro lugar, para elas era impossível ganhar dinheiro, e, em segundo, mesmo que tivesse sido possível, a lei negava-lhes o direito de possuir o dinheiro que ganhassem. Foi só nos últimos quarenta e oito anos que Mrs. Seton teve algum dinheiro próprio. Nos séculos anteriores esse dinheiro teria sido propriedade do marido — um pensamento que talvez tenha

sido responsável por manter Mrs. Seton e as suas mães longe da Bolsa de Valores. Cada *penny* que eu ganhar, poderão elas ter-se dito, ser-me-á tirado e aplicado conforme o discernimento do meu marido — talvez para financiar uma bolsa de estudos ou para dotar uma cátedra em Balliol ou Kings, e, sendo assim, ganhar dinheiro, mesmo que eu pudesse ganhar dinheiro, não é assunto que me interesse grandemente. Será melhor deixá-lo a cargo do meu marido.

Em todo o caso, quer a culpa fosse da velha senhora que olhava para o *spaniel* quer não, não se podia duvidar de que, por uma razão ou outra, as nossas mães haviam administrado muito mal os seus negócios. Não se podia dispensar um *penny* para «comodidades»; para perdizes e vinho, bedéis e relvado, livros e charutos, bibliotecas e ócio. Erguer paredes nuas da terra nua foi o mais que conseguiram fazer.

Assim falámos de pé junto à janela e observávamos, como tantos milhares observam todas as noites, as cúpulas e torres da famosa cidade abaixo de nós. Estava muito bela, muito misteriosa no luar de outono. A alvenaria antiga parecia muito branca e venerável. Pensei em todos os livros reunidos lá em baixo; nos quadros de velhos prelados e dignitários pendurados nas divisões paineladas; nos vitrais que lançariam estranhos globos e crescentes nos passeios; nas fontes e na relva; nos quartos silenciosos do outro lado dos quadrângulos silenciosos. E (perdoem-me o pensamento) pensei também nos admiráveis charutos e bebidas e cadeirões fundos e agradáveis carpetes; na urbanidade, na genialidade, na dignidade que são fruto do luxo e da privacidade e do espaço. As nossas mães decerto não nos haviam providenciado nada que se comparasse com tudo isto — as nossas mães para quem fora tão difícil amealhar trinta mil libras, as nossas mães que deram à luz os treze filhos dos pastores da Igreja em St. Andrews.

Voltei pois à minha pousada e, enquanto percorria as ruas escuras, ponderava isto e aquilo, como se costuma fazer no final de uma jornada de trabalho. Perguntei-me por que razão Mrs. Seton não tinha dinheiro para nos deixar; e no efeito que a pobreza tem no espírito; e pensei nos estranhos velhos cavalheiros que vira nessa manhã com abafos de peles pelos ombros; e recordei como, a um assobio nosso, eles vinham a correr; e pensei no órgão a estrondear na capela e nas portas fechadas da biblioteca; e pensei como é desagradável ficar trancada do lado de fora; e pensei que é talvez pior ficar trancada do lado de dentro; e, pensando na segurança e prosperidade de um sexo e na pobreza e insegurança do outro e no efeito da tradição e da falta de tradição no espírito de uma escritora, pensei por fim que era tempo de arregaçar a pele engelhada do dia, com os seus argumentos e as suas impressões e a sua cólera e o seu riso, e atirá-la para a sebe. Parecia-me estar sozinha em companhia inescrutável. Todos os seres humanos estavam deitados a dormir — de bruços, horizontais, mudos. Nas ruas de Oxbridge ninguém parecia mexer-se. Mesmo a porta do hotel abriu de rompante ao toque de uma mão invisível — era tão tarde que não havia sequer um moço de recados acordado que me alumiasse o caminho até ao quarto.

penguinlivros.pt

ISBN: 978-989-596-452-9

9 789895 964529